

ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NA GRUTA DOS ALQUEVES

(S. MARTINHO DO BISPO, COIMBRA)

POR

Raquel Vilaça (*)

e

João Pedro Cunha Ribeiro (**)

1. Antecedentes e objectivos

A Gruta dos Alqueves, situada numa das áreas urbanizadas da periferia de Coimbra, foi explorada pela primeira vez por Santos Rocha, em 1898, que dela tomou conhecimento através do seu amigo Aníbal de Brito Paes. Nesta sua primeira e única intervenção, de que nos deixou um pequeno trabalho (Rocha, 1909: 17-22), recolheu diversos elementos, alguns dos quais, entretanto desaparecidos, que lhe permitiram identificá-la como necrópole neolítica: fragmentos cerâmicos, lâminas em sílex, alfinetes de osso, etc..

No ano seguinte, a gruta foi alvo de novas explorações, agora por iniciativa de Bernardino Machado, então professor de Antropologia da Universidade de Coimbra, limitando-se a recolher ossos humanos muito fragmentados.

Nos inícios deste século, em 1900, 1901 e, depois, em 1906, as escavações de Mesquita de Figueiredo, logo noticiadas na «Gazeta da Figueira» (n.º 921, de 2-12-1900), vieram confirmar o carácter funerário da gruta, bem como a sua utilização no Neolítico. Além de ter encontrado novos materiais em pedra lascada e de ter exumado um recipiente cerâmico

(*) Instituto de Arqueologia da Fac. de Letras da Univ. de Coimbra.

(**) Instituto de Arqueologia da Fac. de Letras da Univ. do Porto.

completo, detectou ainda uma sepultura intacta de que, todavia, não deixou desenho, fotografia ou descrição pormenorizada no estudo que dedicou a esta estação arqueológica (Figueiredo, 1951).

Só recentemente, em 1985, os trabalhos de exploração da gruta foram de novo retomados e continuados nos dois anos seguintes. Durante este longo intervalo de tempo, a gruta nunca deixou de ser visitada por curiosos que, juntamente com a população vizinha, muito contribuíram para o seu entulhamento e desfiguração progressiva.

As escavações, da responsabilidade dos signatários, foram parcialmente desenvolvidas em consequência duma intervenção de emergência, proposta pelo Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro. Com efeito, quando visitámos pela primeira vez a gruta, em 1984, juntamente com o Director daqueles Serviços, constatámos a existência de várias ameaças à sua preservação, dado que se encontra numa área de franca expansão urbanística; a sua presença era então ignorada no Plano de Urbanização da Câmara Municipal de Coimbra para aquela zona (1).

Um dos objectivos a atingir, e que se prendia directamente com aquele problema, era o de determinar o real interesse arqueológico da gruta, avaliando a importância, extensão e conservação dos vestígios arqueológicos existentes na cavidade.

O outro inseria-se no projecto de investigação de um dos signatários, que visava o estudo do povoamento da Pré-História Recente do Baixo Mondego.

Assim se realizaram, ao longo de 1985, 1986 e 1987, três campanhas de escavações, que contaram com a participação de alunos das Faculdades de Letras das Universidades do Porto e de Coimbra e com trabalhadores contratados para o efeito (2).

(1) Este problema foi posteriormente ultrapassado e resolvido pelo Director do S.R.A.Z.C., o proprietário dos terrenos destinados à construção e os responsáveis da Câmara Municipal de Coimbra designados para o efeito. Na sequência deste processo e dos resultados entretanto obtidos foi já homologada superiormente a proposta de classificação da gruta como «imóvel de interesse público».

(2) As três campanhas realizaram-se graças ao apoio financeiro do Instituto Português do Património Cultural e da Câmara Municipal de Coimbra.

Participaram os seguintes alunos das Faculdades de Letras das Universidades de Coimbra e do Porto: Maria Helena Moura, João Redol, Paulo Félix, Anabela de Jesus, Angelina Pinho, Arminda Correia, Fernanda Pereira, Susana Costa, Ana Cristina Farinha, Madalena Cabral, Ana Paula Birra, Edite Fernandes, Maria Miguel Lucas, Maria Teresa Lourenço, Maria Teresa Maia, Isaura Maia, Maria Manuel Vizela, Paulo Costa Pinto e Pedro Sobral.

Os desenhos do material arqueológico são da autoria do Dr. José Luís Madeira.

Uma vez confirmado o interesse arqueológico e científico da Gruta dos Alqueves, foi imediatamente colocado um gradeamento à entrada da mesma, meio que nos pareceu ser o mais eficiente para a sua preservação.

Em função dos antecedentes enunciados optou-se por reunir neste trabalho não só os dados inéditos, que o motivaram, mas também apresentar a nossa interpretação relativamente aos elementos coligidos por Santos Rocha e Mesquita de Figueiredo. Assim, teve-se em conta, por exemplo, todo o espólio exumado, quer o que se encontra no Museu Municipal «Dr. Santos Rocha», na Figueira da Foz, quer mesmo o que entretanto se perdeu.

Também o material osteológico foi alvo de uma análise cuidadosa. O miserável estado e as condições em que se encontravam os ossos exumados, não permitiram, contudo, ir além das informações reunidas no pequeno relatório publicado na parte final deste estudo (anexo 1).

2. Localização

Também conhecida pelo topónimo de «Cova da Moura», a Gruta dos Alqueves situa-se a pouco mais de 1,5 km de Coimbra, na freguesia de S. Martinho do Bispo, do concelho de Coimbra. A sua entrada abre-se na vertente oriental do vale da Ribeira da Póvoa, mesmo em frente da pequena povoação da Póvoa, na chamada encosta dos Alqueves.

De acordo com a folha n.º 241 da Carta Militar de Portugal, na escala de 1/25.000, o ponto onde se localiza a entrada da gruta apresenta as seguintes coordenadas de Gauss: B 730 589. A sua altitude é de cerca de 80 metros.

Em termos geológicos a Gruta dos Alqueves está integrada nas camadas de calcário dolomítico do Jurássico Inferior, numa zona hoje completamente transformada pelo homem. A sua actual entrada, artificial, abre-se virada para SSW, junto ao tecto da gruta, dominando no exterior um vale relativamente acentuado, onde se cruzam numerosas linhas de água.

3. Descrição da gruta

A Gruta dos Alqueves é constituída por uma cavidade cársica alongada, que se encontra ainda parcialmente em actividade, em particular na sua extremidade NNE.

Basicamente corresponde a uma gruta de corredor, com uma largura média bastante razoável (entre 5 e 6 m), ainda que o entulhamento da sua

zona central a divide em duas amplas «salas», ligadas entre si por uma pequena galeria inscrustada no tecto.

A primeira «sala», denominada «sala» A, situa-se no prolongamento da entrada, que se abre para SSW, junto do tecto da gruta. É uma zona



Fig. 1 — Localização da Gruta dos Alqueves.

relativamente acidentada, do ponto de vista topográfico, descendo inicialmente de forma acentuada, para terminar aplanada no local onde o tecto, aproximando-se do enchimento, prolonga a cavidade numa verdadeira fenda horizontal, que comunica parcialmente com a chamada segunda «sala» («sala» B).

Na parte inclinada o solo apresenta-se coberto por grandes blocos angulosos de calcário, enquanto na zona mais baixa aflora à superfície um enchimento arenoso que continua para o interior da fenda terminal da «sala». Lateralmente, a meio da acentuada descida e nas proximidades da parede oriental da gruta, os blocos de calcário assentavam directamente numa crosta estalagmítica que se encontrava ainda em formação nesta zona da gruta. No lado oposto dessa «sala» abre-se uma pequena galeria, praticamente paralela ao eixo da gruta, onde o enchimento se desenvolvia inicialmente quase até ao tecto, obstruindo-a.



Fig. 2 — Entrada actual da Gruta dos Alqueves.

O tecto desta «sala» apresenta-se em degraus, formados pelas diferentes bandas em que o calcário se encontra localmente disposto, cuja inclinação acompanha de maneira geral o declive inicial do solo.

O acesso à segunda «sala» efectua-se por uma pequena galeria escavada no tecto por um fenómeno de origem cársica, precisamente na zona da gruta onde o enchimento mais se aproxima do tecto. Trata-se de um espaço que, devido ao entulhamento desta zona da gruta, funciona como uma espécie de corredor, orientando-se inicialmente no sentido do eixo maior da gruta, para depois se desviar um pouco para a esquerda, após ultrapassar uma zona onde se alarga levemente.

Finalmente, surge a chamada «sala do lago» («sala» B). É uma zona onde o enchimento é extremamente argiloso, abrindo-se na sua parte central uma depressão que no Inverno é ocupada pelas águas pluviais, dando origem a um pequeno lago. No Verão o nível da água diminui drasticamente, mas o solo permanece enlameado, dado que continuam em actividade algumas goteiras do tecto.

Nesta última «sala» desenvolvem-se dois pequenos corredores laterais que, muito possivelmente, estabelecem a ligação da cavidade à rede cársica de drenagem do maciço calcário.

4. Escavação

As campanhas de escavação que realizámos na Gruta dos Alqueves, entre 1985 e 1987, tinham como objectivo fundamental proceder ao reconhecimento da sua importância arqueológica, procurando confirmar as informações provenientes dos trabalhos efectuados por Santos Rocha e Mesquita de Figueiredo.

O início dos trabalhos traduziu-se na abertura de quatro sondagens em diferentes áreas da gruta, com o intuito de se estabelecer uma correcta leitura do seu enchimento e, ao mesmo tempo, tentar identificar a zona onde os citados investigadores detectaram a existência de enterramentos. Procurava-se assim conhecer não só o desenvolvimento estratigráfico do enchimento da gruta nos seus diferentes sectores, como também circunscrever a área arqueologicamente mais significativa, confirmando ou não as interpretações aduzidas anteriormente sobre os testemunhos aí encontrados.

A primeira sondagem, designada por sondagem A, foi implantada a poucos metros da entrada, numa zona de declive ainda pouco pronunciado (Est. II). Esta sondagem tinha como missão controlar a constituição do enchimento nesta zona e verificar o seu possível interesse arqueológico. Porém, em 1985 os trabalhos só permitiram atingir a profundidade de 2 metros, o que limitou necessariamente as conclusões então retiradas.

Apesar de tudo foi-nos possível observar localmente a presença de um enchimento relativamente homogéneo, constituído por blocos e placas de calcário angulosas e de dimensões variáveis, entremeados por uma matriz argilosa. Na parte inferior da sondagem, em associação com pequenas bolsas de terra negra muito solta, encontraram-se, logo em 1985, alguns vestígios ósseos, três fragmentos de cerâmica e duas lâminas em sílex partidas. Trata-se, porém, de material claramente situado em posição secundária,

como se deduz, aliás, do revolvimento que afectou localmente o enchimento, da presença de raízes recentes e da descoberta de espólio moderno.

Tais descobertas levaram-nos a pensar que nas proximidades da entrada a gruta terá sido recentemente entulhada de forma artificial, apenas como uma medida de segurança. Os blocos calcários que constituem uma parte significativa do enchimento terão sido aí depositados pelo homem, enquanto a argila, que ocupa os seus interstícios, foi arrastada do exterior pelas águas das chuvas. O facto de termos encontrado no interior do enchimento materiais modernos associados a outros vestígios claramente mais antigos, permitia pensar que estes últimos proviriam possivelmente de níveis de ocupação mais profundos, afectados por fenómenos de revolvimento quando se procedeu ao entulhamento da gruta. A continuação desta sondagem em ulteriores campanhas afigurava-se-nos assim de importância bastante significativa.

Numa pequena galeria que se desenvolvia de forma mais ou menos paralela à parede ocidental da «sala» A, abriu-se a sondagem B. Pretendíamos aí verificar a espessura e natureza do respectivo enchimento, bem como a sua importância arqueológica, determinando ao mesmo tempo as reais dimensões da galeria, já que inicialmente ela se encontrava praticamente obstruída pelos sedimentos.

Realizada a respectiva escavação verificámos que a galeria correspondia apenas a uma derivação lateral da rede cársica, não se tendo encontrado qualquer tipo de material com interesse arqueológico. O enchimento era essencialmente constituído por materiais argilosos, de cor castanha-acinzentada, abundantes em quase toda a superfície interna da gruta.

A sondagem C foi implantada numa pequena reentrância lateral da gruta, situada na parte oriental da «sala» A, num local onde o solo formava uma acentuada depressão, totalmente coberta por blocos de calcário, sob os quais se detectou uma crosta estalagmítica em formação. Logo aí, à superfície, foram detectados alguns ossos humanos, achados que se tornaram a repetir no nível acinzentado de areias grosseiras subjacente. No entanto, apesar da escavação desta sondagem se ter prolongado ainda em 1986, os referidos vestígios foram apenas assinalados numa zona superficial, rica em blocos calcários.

Com a realização de uma quarta sondagem na parte terminal da «sala» A tencionávamos poder vir a detectar o desenvolvimento da enchimento da cavidade, numa zona que não se deveria apresentar muito perturbada, dada a relativa aplanagem que o solo aí evidenciava.

A escavação permitiu, porém, reconhecer a existência de uma camada homogénea, amarelada, com uma textura areno-argilosa, onde não se

vislumbrava qualquer disposição estratigráfica. Os escassos materiais detectados devem ter sido depositados por um fenómeno de arrastamento, ocorrido na altura da formação do preenchimento, o que nos leva a concluir que a génese deste último foi recente.

Muito embora os resultados globais obtidos em 1985 não fossem demasiado promissores, pareceu-nos útil, em 1986, a continuação dos trabalhos iniciados nas sondagens A e C, não só por terem sido aquelas que revelaram alguns indícios arqueológicos mais significativos, mas também porque se situavam em áreas da gruta onde não se havia atingido a base do enchimento.

Assim, na sondagem C, prolongamos a escavação até à profundidade de 2,40 metros, o que permitiu estabelecer a seguinte leitura estratigráfica:

1 — Nível superficial de grandes blocos de calcário, de origem actual e integrando parcialmente a formação de uma placa estalagmítica.

2 — Nível de entulhamento recente, atingindo localmente uma espessura máxima de 1,80 metros. É constituído por terras argilosas de cor amarelada, ricas em blocos angulosos de calcário, integrando mesmo na sua base blocos de grandes dimensões, provenientes do tecto da gruta.

3 — Nível de argilas acinzentadas e muito compactadas, desenvolvendo-se sob os grandes blocos existentes na base da camada anterior.

As reduzidas dimensões da sondagem impediram a continuação da escavação para além dos 2,5 metros de profundidade, pelo que desconhecemos a real espessura deste último nível. Aliás, nesta sondagem apenas se detectaram, nos dois níveis inferiores, alguns vestígios osteológicos muito fragmentados, dispersos e sem evidenciarem entre si qualquer tipo de correlação.

A continuação da escavação na sondagem A permitiu, por seu lado, observar o desenvolvimento de um nível de grandes blocos de calcário, na parte inferior do enchimento, já identificado no decurso da primeira intervenção. Imediatamente por baixo deste nível de grandes blocos detectámos uma camada de terras de cor castanha clara, com elevado teor de argilas, cuja importância residia no elevado número de ossos humanos que continha, em associação com os quais também descobrimos alguns fragmentos de cerâmica.

Esta descoberta, confirmando no essencial as informações dispersas pela bibliografia existente sobre a gruta, obrigou-nos, todavia a alargar a área de intervenção nesta zona da jazida, com o intuito de determinar de forma mais clara a estruturação da necrópole e a sua dimensão.

Tais trabalhos, implementados no decurso da campanha de 1987, levaram-nos a identificar a ocorrência de uma única camada de ocupação,

com cerca de 40 cm de espessura, no seio da qual se distribuíam os ossos humanos, com nítidas áreas de maior concentração, enquanto noutras rareavam ou, como sucedia no sector ocidental da sondagem, estavam mesmo ausentes. Curiosamente, contrastando com a riqueza osteológica, registou-se a presença de um parco espólio arqueológico.

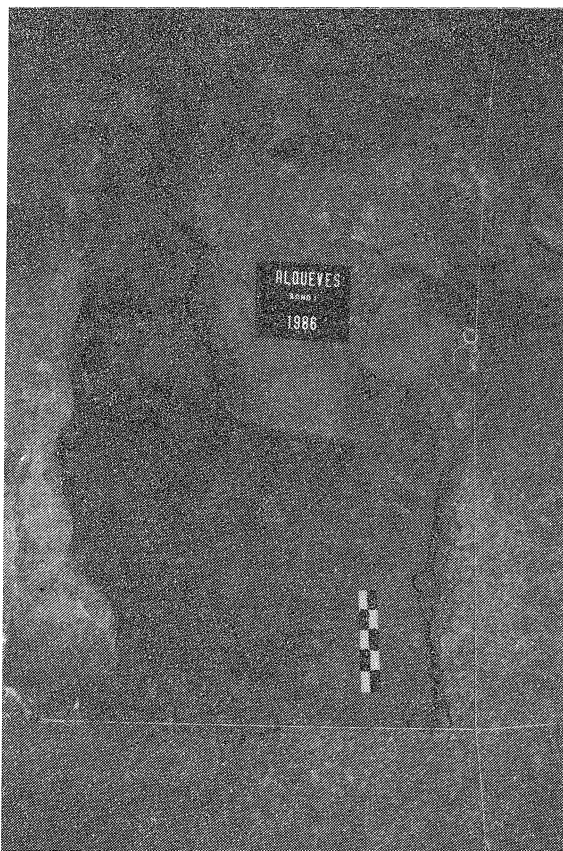


Fig. 3 — Pormenor da sondagem A, localizada junto à entrada da gruta.

A proximidade do nível de grandes blocos de calcário e a natureza do próprio calcário engendraram frequentemente o desenvolvimento de concreções, particularmente difíceis de eliminar quando envolviam os ossos.

A distribuição espacial dos ossos humanos apenas tornou possível delimitar áreas de maior concentração. Na verdade, eles chegaram até nós

excessivamente fragmentados e misturados caoticamente entre si, não deixando qualquer hipótese de interpretação objectiva sobre o tipo de ritual praticado. Não é portanto possível definir sepulturas, nem tão pouco determinar a existência de deposições flectidas ou estendidas ⁽³⁾.

Julgamos que para esta situação terá também contribuído o facto de o nível da necrópole estar imediatamente a seguir e em contacto com o nível dos grandes blocos, provavelmente caídos do tecto da gruta e que acabaram por esmigalhar os ossos. Este «acidente» não invalida, porém, a hipótese que colocamos desta área da gruta corresponder a uma zona de «enterramentos secundários». É aliás possível que os ossos em causa tenham sido remexidos pelos utilizadores da gruta numa fase posterior à sua deposição. Tal gesto ocorreu não por uma simples falta de espaço, mas sim por motivos de ordem ritual. A área de utilização primária, com sepulturas definidas, pode bem corresponder à zona central da primeira «sala» da gruta («sala» A), onde tudo leva a crer que Santos Rocha e Mesquita de Figueiredo as terão detectado.

Sob o nível correspondente à utilização da gruta como necrópole surgiu-nos um outro nível sem interesse arqueológico, constituído por pequenas placas angulosas de calcário, aglutinadas por uma matriz argilosa. Este nível foi escavada na zona Sul da sondagem A, tendo-nos sido possível atingir aí a profundidade de cerca de 5,5 metros, sem contudo se ter detectado qualquer vestígio de ocupação.

Terminada a escavação desta sondagem foi-nos possível definir localmente a seguinte estratigrafia (Est. V).

1 — Nível de entulho recente com cerca de 2 m de espessura, constituído por blocos de calcário angulosos entremeados por uma matriz argilosa. À medida que se desce em profundidade a dimensão dos blocos tende a aumentar, por vezes de forma bastante pronunciada.

2 — Nível de terras acastanhadas e ricas em argila, com uma espessura de cerca de 40 cm. Este nível corresponde à fase de utilização da gruta como necrópole e apenas foi identificado de maneira clara no sector oriental da sondagem.

3 — Sob o nível anterior e até aos 5,5 m de profundidade, altura em que nos vimos obrigados a suspender os trabalhos de escavação por uma questão de segurança, surgiu-nos um nível homogéneo de pequenas

⁽³⁾ No entanto, numa pequena fenda cársica, descoberta na parede oriental da gruta, observámos uma concentração significativa de ossos humanos, entre os quais identificámos alguns ossos longos e maxilares. Este achado sugeriu-nos obviamente a possível utilização destes acidentes topográficos como locais de sepultura.

placas de calcário, frequentemente imbricadas umas nas outras e fortemente consolidadas por uma matriz argilosa.

5. Espólio

Comparativamente a outras grutas com ocupação contemporânea à da Gruta dos Alqueves, esta revelou-se muito pobre no que diz respeito a material arqueológico, tendo em conta o elevado número de enterramentos que continha. Esta característica, denunciada nas intervenções de finais do século passado e inícios deste, foi plenamente confirmada nas escavações cujos resultados ora se publicam.

Como foi referido, este captíulo abarca todo o espólio exumado, apesar de parte só ser conhecido através das informações bibliográficas, já que o seu paradeiro é desconhecido.

5.1. Material cerâmico

Proveniente das escavações de Santos Rocha, deram entrada no actual Museu da Figueira da Foz (Cruz, 1900: 178 e Rocha, 1905: 60-61) diversos fragmentos cerâmicos, hoje desaparecidos, com excepção do representado na estampa VI (n.º 3). Quase nada sabemos acerca deles, a não ser que eram fabricados manualmente e estavam associados a enterramentos; um deles foi encontrado junto à parede da primeira sala. Podemos somente fazer uma ideia muito vaga das suas formas através da descrição de Santos Rocha: «parte de um vaso de barro negro... em forma de calote esférica e com bordo reentrante...»; um outro «bordo vertical»... (Rocha, 1909: 22).

O único fragmento que se salvou permite, felizmente, obter a reconstrução total do recipiente correspondente. Trata-se de uma taça lisa, com carena a cerca de 2 cm abaixo do bordo, que é plano e inclinado para o interior. A superfície, de tom castanho escuro, apresenta vestígios de polimento.

Mesquita de Figueiredo teve mais sorte ao encontrar, além de outros fragmentos ⁽⁴⁾, um recipiente cerâmico completo, exposto numa das vitrines do Museu Municipal «Dr. Santos Rocha». No «croquis» publicado, aquele investigador localiza o referido vaso numa zona central da «sala» A, junto a uma laje cravada em cutelo, talvez não muito longe da área onde implan-

(4) Estes fragmentos não se encontram no Museu Municipal «Dr. Santos Rocha», mas não sabemos se chegaram alguma vez a dar entrada no referido Museu.

támos a nossa sondagem C. Posteriormente, veio a encontrar muito próximo daquela laje «um depósito intacto onde havia uma sepultura» (Figueiredo, 1950).

Na estampa (VI (n.º 1) apresenta-se um desenho deste recipiente: forma globular, com bordo plano inclinado para o interior e estrangulamento junto ao bordo; nesta zona foram colocados quatro pequenos mamilos, dos quais só resta um; a superfície foi alisada, mas tem actualmente um aspecto rugoso e poroso, dada a friabilidade da pasta.

Quer este caso, quer a taça carenada que descrevemos, encontram paralelos, a nível morfológico, na zona meridional do país: na câmara ocidental do monumento da Praia das Maças (Leisner *et alii*, 1969, PL. X), na Anta Grande do Olival da Pega (Leisner, 1951), na gruta da Folha das Barradas (Leisner, 1965), etc..

Os nossos trabalhos em quase nada contribuíram para um melhor conhecimento da cerâmica da Gruta dos Alqueves, já que os fragmentos exumados são em número diminuto e incharacterísticos. Da campanha de 1985 contamos com três fragmentos provenientes da sondagem A. São todos de fabrico manual, grosseiro, com elementos não plásticos de grande calibre (quartzo e calcite). O mais interessante corresponde a um bordo extrovertido, liso, com pasta porosa e friável.

Da campanha seguinte e da mesma sondagem são provenientes mais seis fragmentos de bojo e um de bordo plano-convexo (Est. VI). As características de fabrico e das pastas repetem-se.

Nos trabalhos de 1987, e ainda na sondagem A, recolheram-se mais quatro fragmentos de bojo, de forma indefinida e lisos.

De todos eles, só os das últimas duas campanhas se encontravam na sua posição primária (nível 2).

5.2. Utensilagem óssea

Em termos de espólio, um dos resultados mais importantes das escavações realizadas nesta gruta foi o achado de algumas peças em osso. Uma delas teria sido a conta tubular, encontrada por Santos Rocha, provavelmente elemento de colar, e de que só resta, infelizmente, um desenho (Rocha, 1909), pois não se encontra no Museu Municipal «Dr. Santos Rocha». Igual sorte teriam tido dois fragmentos não contíguos de um alfinete de osso, liso, muito polido e de secção elipsoidal (Carrisso, 1909), também proveniente das escavações do arqueólogo figueirense, e ainda um outro, achado por Mesquita de Figueiredo. O que apenas se conservou

no referido Museu é o exemplar da estampa VII (n.º 6), recolhido por Santos Rocha. Trata-se de um alfinete de osso polido, completo, de secção subcircular. Este tipo é relativamente raro em contextos funerários da mesma época do da Gruta dos Alqueves.

Mais característicos destes ambientes são os alfinetes do tipo de cabeça cilíndrica. O que encontramos (Est. VII) tem a cabeça lisa mas não postiga, como é mais corrente nos alfinetes deste período da fachada litoral a Sul do Mondego, nomeadamente na vizinha estação de Eira Pedrinha (Condeixa-a-Nova). Além deste alfinete, que se encontra incompleto, foram ainda exumados mais dois fragmentos de objectos em osso polido (alfinete, agulha, punção?), pontegudos e de secção subcircular. São todos provenientes do nível de enterramentos.

5.3. Material lítico

A Gruta dos Alqueves, contrariamente a muitas outras utilizadas na mesma altura, revelou-se praticamente estéril no que diz respeito à utensilagem de pedra polida. Tal situação havia sido já constatada nos trabalhos de escavação anteriores aos nossos, levando Santos Rocha a pensar que, no vale do Mondego, o homem trabalhou com perfeição as pontas de sílex e a cerâmica antes de conhecer o polimento da pedra (Rocha, 1908).

Na verdade, os clássicos machados e enxós de pedra polida, normalmente presentes em contextos desta natureza, não faziam aparentemente parte da «bagagem funerária» destas populações. O polimento da pedra não lhes era, porém, desconhecido, já que o utilizaram no fabrico de uma pequena placa de metagrauvaque ⁽⁵⁾, lisa, de configuração trapezoidal e secção sub-rectangular, desprovida de gume ou de qualquer outro elemento que sugira um uso prático. Esta peça, por certo votiva, encontrava-se, na altura do seu achado, coberta com concreções calcárias (Est. VII).

De igual importância se revelou o material de pedra lascada, com a presença de catorze lâminas ou fragmentos de lâmina, em sílex. Destas, desconhece-se o paradeiro de três, exumadas por Mesquita de Figueiredo. No conjunto das que foram observadas directamente (quatro das escavações de Santos Rocha e sete provenientes das nossas), para além das diferenças particulares de carácter morfológico e tipológico, presentes no Quadro I, é possível arrumá-las em dois grandes grupos: o das lâminas retocadas e o das não retocadas.

⁽⁵⁾ Agradecemos a José Manuel Pinto, do Museu Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra, a análise desta peça.

Ainda de extrema importância é a ponta de seta, também em sílex, que Santos Rocha apelidou de dardo; apresenta a ponta partida, bordos rectilíneos, base triangular, retoque bifacial, rasante, total e subparalelo (Est. VII).

De referir, por fim, um percutor e uma concha de *Iritom Nodiferus*, encontrados por Santos Rocha, mas hoje perdidos, e dois seixos, sem vestígios de uso, provenientes do nível da sondagem que designámos por A.

Como se sabe, a associação dos alfinetes de osso (de cabeça lisa ou sulcada, postiça ou não) à ponta de seta de base triangular, ambos presentes na Gruta dos Alqueves, caracterizaria, com outros elementos (placas de xisto, lâminas não retocadas, etc.) a fase III-a do Neolítico de Vera Leisner (Leisner, 1983). Com efeito, tal associação é manifesta em numerosas estações de carácter funerário, de que poderia constituir exemplo a Câmara Ocidental do monumento da Praia das Maças. Todavia, o que com rigor se constata, é que os mesmos elementos da cultura material podem surgir em múltiplas associações e não em conjuntos herméticos, sendo bem difícil e, certamente, errado procurar encontrar «conjuntos puros» que revelem e marquem automaticamente este ou aquele estádio, este ou aquele horizonte.

6. Considerações finais

Ao iniciar um breve balanço das três campanhas de escavações realizadas na Gruta dos Alqueves, fácil se torna verificar termos alcançado o objectivo que desde início havíamos definido: não só confirmar o interesse arqueológico do local, como também determinar a própria localização da necrópole no interior da cavidade.

Na zona mais profunda da gruta verificámos a ocorrência de um processo de sedimentação ainda em curso, o que desde logo limitava o seu interesse arqueológico (sondagens B e D).

A sondagem C, provavelmente situada nas imediações da zona interencionada por Mesquita de Figueiredo (Figueiredo, 1951), permitiu a recolha de materiais osteológicos que, embora remexidos, deixam pelo menos antever o prolongamento da necrópole até esse local.

Os elementos de maior interesse foram, porém, recolhidos nas proximidades da entrada da gruta (sondagem A). A sua conservação foi localmente possível pela conjugação de dois factores diferentes: a queda de enormes blocos de calcário provenientes do tecto da gruta; a recente formação de uma espessa camada de entulho que colmatou o nível dos grandes blocos.

Quadro I — LÂMINAS

Est. N.º	Origem	Medidas (em)			Secção	Não retocadas	Retocadas
		Comprimento	Largura máxima	Espessura máxima			
VIII-3	Santos Rocha	9,1	2	0,5	trapezoidal		anv. c/ retoques na extremidade distal
VIII-2	»	10,5	3	1,2	sub-triangular	×	
VIII-1	»	16,1	2,2	0,5	trapezoidal	×	
IX-2	»	9,1	2	0,5	»		anv. c/ retoques semi-abruptos e marginais; rev. c/ retoques rasantes
—	Mesquita Figueiredo	± 15	?	?	trapezoidal (?)	?	
—	»	± 15	?	?	»	?	
—	»	?	?	?	»	?	
IX-1	Escavações 85/87	13,1	1,9	0,6	trapezoidal	×	
IX-3	»	3,4	2,2	0,6	triangular	×	
X-4	»	3,3	1,5	0,4	»		anv. c/ retoques abruptos e marginais na extremidade distal
IX-4	»	6,2	2,5	0,6	»	×	
X-1	»	10,2	2,2	0,6	trapezoidal		anv. c/ retoques abruptos e marginais
X-2	»	4,6	2,3	0,8	sub-trapezoidal		anv. c/ retoques abruptos e marginais na extremidade distal
X-3	»	4,2	2	0,7	»		anv. c/ retoques rasantes e marginais

As observações aí realizadas levaram-nos a identificar a existência de um único nível de ocupação arqueológica, que corresponde à utilização da gruta como necrópole.

O espólio arqueológico é quantitativamente escasso, principalmente quando comparado com os numerosos vestígios osteológicos, mau grado o estado de conservação destes últimos. É, todavia, possível encontrar paralelos de natureza técnico-morfológica noutras necrópoles, quer situadas em cavidades cársicas da Estremadura (Delgado, 1884; Natividade, 1895-1903; Belo *et alii*, 1961; Serrão e Marques, 1971; Gonçalves, 1978a e 1978b; etc.), quer no caso de alguns monumentos megalíticos da mesma região e do Sul de Portugal (Leisner, 1951; Ferreira *et alii*, 1961; Castro e Ferreira, 1969-1970, etc.), quer ainda em grutas artificiais (Leisner *et alii*, 1961; Leisner *et alii*, 1964; etc.).

Por outro lado, a sua análise permite atribuí-los ao Neolítico Final, o que confirma a classificação cronológico-cultural que já havia sido adiantada pelos responsáveis das primeiras escavações realizadas nesta jazida (Rocha, 1908 e 1909; Figueiredo, 1951).

A atribuição do nível de ocupação arqueológica ao Neolítico Final foi aliás corroborada pela datação de radiocarbono efectuada no Instituto de Ciências e Engenharia Nucleares do LNETI, a partir de uma amostra de ossos humanos recolhidos no decurso da escavação de 1986 e provenientes do nível 2 (v. anexo II).

A título de exemplo, refira-se o paralelismo que se verifica entre o espólio desta gruta e o encontrado na Câmara Ocidental do monumento da Praia das Maças, cujas datações se aproximam mutuamente.

Poderemos assim admitir, em termos comparativos, que a utilização da Gruta dos Alqueves foi contemporânea, ou imediatamente anterior, à formação das primeiras comunidades calcolíticas na vizinha região da Estremadura.

No que diz respeito aos rituais de enterramento praticados, as informações recolhidas na bibliografia respeitante a esta gruta e aquelas que obtivemos no decurso dos nossos trabalhos, sugerem a provável existência de enterramentos primários e de enterramentos secundários.

Nos achados exumados em finais do século passado, inícios do século XX, foram identificados enterramentos estruturados com lajes de calcário, formando, por vezes, pequenas cistas rectangulares, assim como outros enterramentos individuais «de cócoras» ocupando pequenas fendas cársicas (Rocha, 1909; Severo e Cardoso, 1889, 1903; Carriso, 1909; Figueiredo, 1951).

Todavia, os dados recentemente recolhidos apenas permitiram identificar o aproveitamento pontual de fendas naturais, por vezes junto às

paredes da gruta, para a localização de sepulturas, já que a generalidade dos ossos jazia remexida e frequentemente esmigalhada, sob um nível de grandes blocos de calcário, correspondendo muito provavelmente a enterramentos secundários (ossuários?), particularmente afectados pela queda dos blocos de calcário. Trata-se aliás de práticas de enterramento relativamente corrente em necrópoles deste período.

Assinale-se ainda a descoberta de um pequeno pedaço de ocre ⁽⁶⁾ de tom vermelho-alaranjado, encontrado em associação com os ossos humanos detectados na sondagem A, o que deixa antever a ocorrência de outro tipo de práticas rituais, igualmente usuais em necrópoles de finais do Neolítico e Calcolítico.

RESUMO

Publica-se o relatório final das escavações realizadas na Gruta dos Alqueves durante os anos de 1985, 1986 e 1987.

O estudo dos resultados e a análise de dados procedentes de antigas escavações, permitiram confirmar o carácter funerário da gruta e a atribuição da sua utilização aos finais do Neolítico/inícios do Calcolítico.

SUMMARY

We publish here the final report of the excavations done at the Cave of Alqueves during 1985, 1986 and 1987.

The study of the results and the analysis of data acquired from previous excavations, allowed us to confirm that this cave was used for funerary purposes and that its utilization goes back to the late Neolithic/beginning of the Chalcolithic era.

BIBLIOGRAFIA

- BELO, A. *et alii* (1961) — *Gruta da Casa da Moura (Torres Vedras)*, «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal», XLV, pp. 391-418.
- CARRISSO, L. W. (1909) — *Estudo antropológico sobre alguns restos humanos da Caverna dos Alqueves*, «Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha», I (10), pp. 267-276.
- CASTRO, L. A. e FERREIRA, O. V. (1969-1970) — *O monumento megalítico do Alto Feteira (Pombal)*, «Caesaraugusta», 33-34, pp. 41-53.
- CORREIA, V. (1940) — *Notas de Arqueologia e Etnografia do Concelho de Coimbra*, «Biblos», XVI, pp. 97-142.
- CRUZ, P. B. (1900) — *O Museu Municipal da Figueira da Foz. Aquisições em 1898* «O Archeologo Português», V, pp. 177-184.

(6) Agradecemos a António Tavares, do Museu Monográfico de Conimbriga, a sua identificação.

- DELGADO, M. J. F. N. (1884) — *La Grotte de Furninha a Peninche*, «Compte Rendu de la 9^{eme} session à Lisbonne — 1880. Congres International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques», Lisbonne.
- FERREIRA, A. R. *et alii* (1961) — *Monumentos megalíticos de Trigache e A-da-Beja*, «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal», XLV, pp. 297-337.
- FIGUEIREDO, A. M. (1950) — *A Caverna dos Alqueves*, Nótulas de Pré-História, Lisboa.
- GONÇALVES, V. S. (1978a) — *A Neolitização e o Megalitismo da Região de Alcobaça*, Lisboa.
- GONÇALVES, V. S. (1978b) — *Um programa de Estudo do Neolítico em Portugal*, «Zephyrus», 28-29, pp. 147-162.
- GONÇALVES, J. L. M. (1982-1983) — *Monumento pré-histórico da Praia das Maças (Sintra)*, «Sintria», I-II (tomo 1), pp. 29-57.
- LEINER, V. (1965) — *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*, Madrider Forschungen Band 1/3, Berlin.
- LEISNER, V. (1983) — *As diferentes fases do Neolítico em Portugal*, «Arqueologia», 7, pp. 7-15.
- LEISNER, G. e V. (1951) — *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*, Lisboa, Instituto para a Alta Cultura.
- LEISNER, V. *et alii* (1961) — *Les Grottes Artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniforme*, Serviços Geológicos de Portugal, Memória n.º 8, Lisboa.
- LEISNER, V. *et alii* (1964) — *Grutas Artificiais de São Pedro do Estoril*, Lisboa.
- LEISNER, V. *et alii* (1969) — *Les Monuments Préhistoriques de Praia das Maças et de Casáinhos*, Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal, n.s., 16, Lisboa.
- NATIVIDADE, M. V. (1899-1903) — *Grutas de Alcobaça*, «Portugália», I (1-4), pp. 433-474.
- ROCHA, A. S. (1905) — *O Museu Municipal da Figueira da Foz — Catálogo*, Figueira da Foz, pp. 60-61.
- ROCHA, A. S. (1908) — *Fases do Neolítico em Portugal*, «O Archeologo Português» XIII, pp. 193-201.
- ROCHA, A. S. (1909) — *A Caverna dos Alqueves*, «Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha», I (10), pp. 17-22.
- SERRÃO, E. C. e MARQUES, G. (1971) — *Estrato Pré-Campaniforme da Lapa do Fumo (Sesimbra)*, «Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia», I, pp. 121-142.
- SEVERO, R. e CARDOSO, P. (1889-1903) — *Nota sobre os restos humanos da caverna neolítica dos Alqueves*, «Portugália», I, p. 338.